

jornal da tarde

Publicado pelo S.A. O Estado de S. Paulo
Av. Engenheiro Caetano Álvares, 55, tel.: 856-2122 (PABX).



JORNAL DA TARDE

JÚLIO MESQUITA
(1891 - 1927)JÚLIO DE MESQUITA FILHO - FRANCISCO MESQUITA
(1927 - 1969)

Fundado em 1875

Diretor Responsável

RUY MESQUITA

Directores

Júlio de Mesquita Neto
Luiz Vieira de Carvalho Mesquita
Ruy Mesquita
César Tácito Lopes Costa
José M. Homem de Montes
Oliveiros S. Ferreira

O efeito Orloff, uma metáfora infeliz.

Ao comparar a crise econômica de nosso país com a crise argentina, tanto os economistas e cientistas políticos brasileiros quanto a nossa própria imprensa cunharam um lugar-comum de grande ressonância retórica, mas de discutível validade: **efeito Orloff**. Com essa expressão, forjada a partir da propaganda de um destilado de cereais veiculada pela televisão, eles pretendem sugerir que todos os problemas sócio-econômicos ocorridos na Argentina invariavelmente apareceriam entre nós alguns meses depois.

Se examinarmos com atenção à realidade de ambos os países, veremos que a metáfora não é procedente. Afinal, se existe um denominador comum entre as crises brasileira e argentina, ele se limita a uma tendência do governo Sarney de imitar as estratégias heterodoxas e populistas do governo Alfonsín, em matéria de política econômica. O Plano Cruzado, de triste memória, foi inspirado no Plano Austral. E o Plano Verão, que acabou fracassando estrondosamente no seu objetivo de disciplinar os gastos estatais, reduzir o déficit público e "enxugar" a máquina governamental, foi inspirado no Plano Primavera. À exceção dessas fatídicas inspirações, não há nada mais de comum nas situações do Brasil e da Argentina.

Do ponto de vista histórico, por exemplo, as duas nações tiveram formações distintas. Enquanto o Brasil contou no século passado com uma sociedade clânica e com um Estado patrimonialista, refletindo assim os valores da Contra-Reforma tão arraigados entre os portugueses, a Argentina enfrentou o sangrento conflito da civilização hispânica com a barbárie dos **gaúchos e caudillos** — ou seja, para nos lembrarmos novamente da famosa análise de Sarmiento, feita em 1845, sobre o fenômeno do caudilhismo em seu país, o choque entre a civilização européia e uma civilização indígena incapaz, por seu condicionamento cultural, de captar e entender a "modernidade" de sua época. No Brasil, a política sempre gravitou em torno do Estado, motivo pelo qual se desenvolveu entre nós o que os historiadores chamaram de **cartorialismo**, isto é, o tráfico de influência, o nepotismo administrativo, o favoritismo e a corrupção. Na Argentina, a política esteve atrelada ao **caudillo**, por Sarmiento considerado uma espécie de senhor feudal selvagem e truculento, acostumado a impor sua vontade pela violência e pelo terror. Enquanto aqui tínhamos um imperador de formação humanística, d. Pedro II, do outro lado da Bacia do Prata prevalecia a tirania violenta de Juan Manoel Rosas.

É por isso que a Argentina até hoje não conseguiu superar o trauma do caudilhismo em sua vida pública. As elites políticas, em vez de se modernizarem, voltam-se agora dramaticamente, mais uma vez, para o passado, tendo permitido a consagração no pleito presidencial de Carlos Saúl Menem — um político que, às vésperas do século XXI, orgulha-se de ser "a encarnação de Rosas com Quiroga", o célebre caudilho de sua província, La Rioja. Entre nós, o caudilhismo emergiu de forma mitigada e reduzido a uma região específica do país. Ele se instalou no cenário federal na forma do **varguismo**, que foi força política hegemônica até o suicídio do ex-ditador, mas hoje está em fase de extinção. O que, aliás, pode ser medido pela progressiva queda do candidato Leonel Brizola — que o próprio Menem, em recente entrevista, designa como sua versão brasileira — nas pesquisas de opinião pública.

Do ponto de vista econômico, as duas nações também tiveram formações distintas. Graças à sua vocação natural para a agricultura e a pecuária, no início do século a Argentina era um dos mais prósperos países do mundo. Seus indicadores de bem-estar eram altíssimos e sua capital chegou a ter metrô antes mesmo de Paris. A depressão dos anos 30, contudo, afetou o preço das **commodities** e comprometeu a prosperidade de sua economia. Mas a grande tragédia se deu no primeiro governo de Perón — reedição europeizada do caudilhismo — entre 1944 e 1955: em vez de retomar a vocação natural de seu país no campo da agricultura e da pecuária, aproveitando-se da expansão mundial do pós-guerra, ele promoveu um processo de industrialização baseado no protecionismo, no nacionalismo e no interventionismo estatal. Resultado: a Argentina não apenas perdeu sua participação relativa no mercado internacional, fonte de suas divisas, como ainda se revelou incapaz de forjar um grande parque industrial. Sem competição e com o mercado administrado pelo Estado, a industrialização idealizada por Perón acabou sendo um fracasso que perdura até hoje.

Já no Brasil, a depressão dos anos 30 deflagrou um processo gradativo de industrialização que, a partir dos anos 50, se acelerou, resultando num grande desenvolvimento industrial. Até então, o país estava bastante defasado com relação à Argentina. hoje, contudo, a situação se inverteu: nosso parque industrial é o sétimo do mundo ocidental, as forças de mercado revelam-se capazes de resistir à asfixiante tutela do Estado e a nossa presença no mercado mundial é significativa. Enquanto na Argentina a crise é global, dada a simbiose entre o caudilhismo no campo da política e o cartorialismo estatizante no plano da economia, minando a própria autoridade das instituições governamentais, entre nós a crise se localiza apenas ao nível do Estado. As suas estruturas estão podres, o setor público faliu e o governo sequer governa a si próprio. Mas a sociedade continua dando inequívocas provas de vitalidade e o setor privado nunca esteve tão sólido como hoje, dispondo-se a investir desde que as autoridades não atrapalhem e saiam do caminho.

É por isso que o tão comentado **efeito Orloff** não passa de uma infeliz metáfora, pois não coincide com a verdade dos fatos. Enquanto a Argentina vive uma crise conjunta de seus sistemas econômico, político, social e cultural, com a situação agravando-se exponencialmente depois que Menem não se dispôs a colaborar com o presidente Alfonsín para tentar debelar as dificuldades econômicas a partir de um programa articulado em termos minimamente racionais,

o Brasil vive uma crise circunscrita ao setor estatal e que pode ser resolvida mais cedo do que se imagina, caso o eleitorado saiba escolher bem em novembro próximo. No momento em que a sociedade brasileira conseguir colocar o Estado no seu devido lugar, o progresso material e social do país será vertiginoso. O mesmo, infelizmente, não se pode dizer da Argentina.